José Aparecido Gonçalves

VAMOS À SERTANEJA!

2013

Primeira edição

© Clube de Autores/Agbook, 2013
1ª edición
ISBN:
Impresso em Brasil / *Printed in Brasil*
Impresso por Clube de Autores/Agbook

e-mail:

sertaneja1952@gmail.com

VAMOS À SERTANEJA!

Ana Beatriz viu mamãe arrumando as malas para a viagem. Eufórica correu ao quintal dos fundos da casa, onde Bruno tranquilamente brincava com seus caminhõezinhos sob a mangueira.

- Bruno, Bruno! – Gritou alegre e festiva, chamando pelo irmão. – Nós vamos para Sertaneja!

Imediatamente Bruno abandonou o seu brinquedo e debandou aos gritos de felicidade para dentro de casa, correndo serelepe ao quarto onde mamãe Gretchen ajeitava os agasalhos e demais pertences dos pequenos na grande mala preta.

Nesta noite Bruno custou dormir, tamanho a ansiedade que o deixava inquieto na cama. Ao alvorecer tomariam uma circular da empresa Pevê-Tur até o terminal rodoviário de São José do Rio Preto, aonde fariam o embarque num ônibus da Viação Guerino Seiscento com destino a Assis. Para se chegar a

Sertaneja é preciso fazer baldeação nesta cidade. Embora essa troca de coletivos, é a mesma Viação Guerino Seiscento que cruza a fronteira do Estado do Paraná. Sertaneja é o primeiro município paranaense para quem viaja de Assis, pelas Rodovias Miguel Jubran e Celso Garcia Cid, rumo à Londrina. A cidade se localiza a poucos quilômetros do Rio Paranapanema. É uma verdadeira jóia incrustada no verdor de exuberantes lavouras de milho e de soja, uma belezura de se ver.

Já madrugada alta Bruno sentiu o cansaço quebrando-lhe os ânimos e acabou por cochilar. Só por um momentinho, pois neste ínterim ouviu o rugido de um motor possante a sacudir as

paredes do seu quarto, qual fosse um tremor de terra. Mas sabia de velho e caduco que no Brasil não existem terremotos. Pelo menos, não nesta região do Brasil onde se localiza Bady Bassitt. Cutucou Ana Beatriz, que dormia na caminha ao lado da sua.

- Acorde mana! Alguma coisa estranha está acontecendo lá fora. Vamos ver!

Ana Beatriz pulou rapidamente do seu colchão. Já na sala, ao virar a maçaneta da porta da frente, Bruno sentiu seu cabelo ouriçar, mas corajosamente tomou sua irmãzinha pela mão e foram ao portão da rua dar uma espiada. O que viu não conseguiu entender, porém o assustou pacas, tanto que voltou correndo para o alpendre e se escondeu atrás da mureta. Mas, percebendo que Ana Beatriz não se intimidara, pelo contrário, abrira o portão e curiosa saíra para a rua, Bruno sentiu o dever de arranjar coragem e ir a socorro da irmãzinha. Para não correr o risco de bater novamente em retirada estratégica, como gosta de dizer, preferiu sair correndo

como doido, pois isso sempre lhe traz coragem. Em todas as ocasiões de risco Bruno corre. Se não for para se esconder, certamente será para enfrentar o perigo e esta estratégia sempre lhe dá certo. Tanto que, quando em certa tarde, ao retornar da escola Janjão quis lhe bater, Bruno jogou a mochila escolar na calçada, cerrou os punhos, fez cara de brabo e partiu em disparada em direção ao brigão. Este, sem esperar pela reação do seu rival, se assustou e fugiu covardemente para sua casa. Nunca mais teve a petulância de provocar Bruno. Mas agora sua missão era muito mais importante e perigosa e dependia de toda a coragem deste mundo. Chegando à rua, Bruno agarrou a irmãzinha pelo braço na tentativa de trazê-la de retorno ao quintal. Ana Beatriz parecia hipnotizada. Em pé, completamente paralisada no meio da rua, olhava o interior da praça que fica defronte sua casa. Bruno também olhou e ficou boquiaberto. A Praça estava completamente diferente e, parado bem no meio dela, vejam só o que as crianças viam!... Um trem! Mas não um trem